

Entrevista

por Filipe Batalha de Oliveira*,

Talita Araújo* e Thaísa Hosken Cruz**



José Jorge Siqueira

José Jorge Siqueira é professor titular na Universidade Severino Sombra (USS), em Vassouras (RJ), onde atua no Programa de Mestrado em História, ministrando as disciplinas: A República e a Questão do Negro no Brasil, e História da Historiografia. Na mesma instituição, atua também como professor na Graduação em História, curso em que ministra as disciplinas História Econômica Geral e História da África. Além de professor titular na USS, Siqueira é professor adjunto no Centro Universitário Augusto Motta, UNISUAM, no Rio de Janeiro, onde atua nas disciplinas de História da América III, História da África e Historiografia.

“

como foi bom **assumir** o meu
cabelo, assumir o meu nariz, assumir
a minha **ancestralidade**

* estudantes de graduação de História da Universidade Severino Sombra (USS) - Vassouras (RJ).

** estudante de graduação de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).





Ao ser procurado no Centro de Documentação Histórica (CDH) da USS, Siqueira cedeu gentilmente à Revista Contemporâneos uma entrevista acerca da História da África.

Sendo um historiador prevenido, o professor também nos emprestou o gravador, ainda de fita, mas classificado como um dos melhores equipamentos para esse tipo de situação, para que pudéssemos realizar a gravação da entrevista.

Siqueira concluiu na Universidade Federal Fluminense (UFF), no ano de 1981, seu mestrado em História. Em 1987, publica, em co-autoria, *Negro e Cultura no Brasil*, pela Unibrade/Unesco. Em 1997, concluiu seu doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), reafirmando seus trabalhos desenvolvidos na área de História do Brasil. O gosto pela História, segundo Siqueira, o possibilita estar sempre produzindo, criando, seja por meio de estudos, preparação de cursos, seja em projetos de pesquisa. Assim, em nenhum momento, sente-se estagnado.

Em 2006, Siqueira publica *Entre Orfeu e Xangô*. A emergência de uma nova consciência sobre a Questão do Negro no Brasil, 1944/1968, pela Pallas Editora; em 2007, desenvolveu um estudo acerca do paradigma moderno, apresentado por Ciro Flamarion e pós-moderno, por Keith Jenkins. No ano de 2009, Siqueira recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de Vassouras (RJ) por seu trabalho desenvolvido no Centro de Memória da História e Cultura Afro-Brasileira do Vale do Café e, atualmente, desenvolve projeto de pesquisa abordando a questão do negro em fins do século XIX às primeiras décadas do século XX, na região do Vale do Paraíba Fluminense.



Contemporâneos – O que o levou a desenvolver em seu artigo, publicado na Revista do Mestrado USS, as posições diametralmente opostas em termos de teoria do conhecimento e práxis historiográficas presentes em Ciro Flamarión e Keith Jenkins?

José Jorge - Havia fundamentalmente certa perplexidade diante de algumas soluções explicativas a que chegou essa vertente de Keith Jenkins, tida como Pós-Moderna e que, digamos assim, vem assumindo um relativismo radical face à possibilidade do conhecimento em História. Nessa perspectiva, a disciplina perde totalmente a objetividade e a incredulidade, quanto a esse ponto, chega ao niilismo. Isso me levou ao exercício da comparação, pois Ciro Flamarion parte de outra perspectiva, com a qual tendo a concordar.



**Contemporâneos – Em relação à Inferioridade
e Superioridade Africana, qual a sua opinião?**

José Jorge - A Inferioridade africana é uma verdadeira tradição que se construiu no Ocidente desde o séc. XVIII, a partir de uma série de preconceitos, mitos, de etnocentrismos enfim – no limite, respaldados inclusive no conhecimento de tipo científico e filosófico -, extremamente depreciativos face àqueles povos. “Não têm história...” Ou “sua história não é senão a partir do contato com o europeu”. “Não desenvolveram nenhuma contribuição civilizacional importante...” “São assim desde sempre (tribais)”, etc. O historicismo ocidental do século XIX, a partir do exclusivismo do documento escrito, consolidou, de certa forma, essa idéia da inferioridade historiográfica africana, hoje algo inteiramente insustentável, em todos os planos; não hoje, mas há décadas, sobretudo, a partir dos anos de 1950. Por sua vez, o cientificismo racial entrara em crise desde os anos vinte do século passado, a partir de argumentos demolidores (não existem raças humanas no plural!), ainda que no plano do senso comum o ideário racial tivesse sobrevida – coisa que o nazismo acabou por sepultar em definitivo. O grande problema, além desse caráter anti-humano, é o fato de aquelas visões impedirem um real conhecimento da história do continente.



Quanto à superioridade africana, é todo um movimento cultural surgido da redefinição daqueles parâmetros anteriores da inferioridade – alguém já o denominou de historiografia da “pirâmide invertida”. Em outras palavras, chegou o momento em que as demandas represadas dos povos africanos obtiveram espaço e mudaram a correlação de forças frente àqueles ideais conservadores e preconceituosos, o que se deu, sobretudo, no pós-II Segunda Grande Guerra e anos 60 do século XX, quando ocorreram os fenômenos da Descolonização e da emergência dos Estados Nacionais em África. Nesse momento, foi fundamental buscar e construir a identidade histórica desses povos, inclusive, para além dos momentos de contato com o europeu, isto é, ir às raízes dessa historicidade, chegando mesmo ao fato transcendental do surgimento da humanidade na região. Justo nesta ocasião houve a possibilidade dos radicalismos, exacerbando-se certo sentido da revanche histórica e historiográfica. Chega-se a afirmar que a história que interessava a partir dali era a história tal como vista pelos africanos, entendida assim como a mais justa, talvez como a única forma de tornar conhecido o passado africano. Ora, sabemos que não há esta exclusividade patenteada em termos historiográficos; sabemos que não há em África toda essa homogeneidade intelectual pretendida. Felizmente essa idéia é criticada pelos historiadores de ponta africanos, que emergiram desse próprio movimento de descolonização. Eles mesmos chegaram à conclusão de que não é bem por aí.



Contemporâneos – O que você acha da África atual em relação à parte cultural como, por exemplo, as questões abordadas pelo graduando Morto Baiém Fandé, em sua visita ao Brasil e à experiência que ele está tendo estudando na Universidade Severino Sombra?

José Jorge - São 53 países na África de hoje e nem todos estão vivenciando, como seria de esperar, as mesmas questões, o mesmo processo histórico-cultural, pois há variações de tradições históricas, de vivências sociológicas, econômicas e políticas, ou de como se deu ou se dá o processo de descolonização, etc. De toda forma, percebe-se a existência de algumas dinâmicas sociais comuns a esses países, relacionadas, por exemplo, às características do chamado subdesenvolvimento, e, conseqüentemente, à relação desigual face aos países avançados do capitalismo mundial, muita das vezes ex-colonizadores; igualmente quanto certos desafios históricos comuns, face à possibilidade de integração complementar de suas sociedades e economias, considerada por muitos a grande via do fortalecimento da região; enfim, a busca da democracia no continente, as lutas pela preservação dos direitos fundamentais do homem, o alinhamento ao desenvolvimento sustentável. Os processos de modernização advindos desse contexto certamente são elementos que estarão a unir os países africanos.

Todavia, diria que ocorreu em África algo extremamente lamentável, relacionado ao desaparecimento precoce de grandes lideranças emergentes quando das jornadas da descolonização e das independências. Naquele momento, de importância histórica única, por incrível que pareça, Filipe, número significativo daqueles líderes forjados no processo de embate e redefinições, fosse pela via da luta armada ou pela força da

palavra, foi tragada na própria circunstância do processo, quase todos assassinados. Aliás, tais crimes, a forma como foram praticados, muito iam da fase subsequente a ser vivida por aquelas sociedades e cultura: os agentes secretos dos países colonizadores ou a traição (o envenenamento foi prática comum), alinhando-se à acomodação capitalista conservadora. Isto porque se formaram, concomitante às lutas pelas independências nas sociedades africanas, setores internos contrários aos ideais de independência mais radicais e ou libertários, posto que sua existência estava relacionada aos mecanismos colonialistas, mantendo-os interessados na manutenção de vínculos



com as ex-metrópoles, e evidenciando assim a complexidade da situação – inclusive descaracterizando, dessa forma, a antiga tese paternalista da passividade africana, ou o de seu papel exclusivo de vítima histórica. Entre aqueles líderes referidos, vários foram intelectuais instigantes, que fizeram reflexões sobre o significado da luta, sobre o futuro de suas sociedades em torno de temas como a reforma agrária, a industrialização, a cultura descolonizada, a integração regional, as necessidades das grandes massas populacionais. A jovem África independente perdera então, dentre outros, homens como Patrice Lumumba, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral, Steve Biko. Não nos esqueçamos que essa fase vivida pelas sociedades africanas é, do ponto de vista histórico, muito recente, dos anos 50/60 do século XX para cá. Eu, por exemplo, sou mais velho que boa parte dos países africanos independentes, como é o caso de Angola e Moçambique, que tiveram sua independência proclamada em 1975, mas ainda seguidas de violenta luta interna pela hegemonia do processo – e aí, mais uma vez, teríamos também de recorrer ao panorama internacional, no caso marcado à época pela Guerra Fria e a bipolaridade.

Então, são processos que ainda estão se realizando e que estão em torno do encontro da África consigo mesma, na busca de um caminho mais genuinamente africano para o desenvolvimento, ainda que obviamente seja impossível o isolamento. E não é isso que se quer, não é isso que se pensa, ao contrário, as forças mais progressistas buscam sim uma convivência menos desigual com o mundo, que vise o bem estar dos povos, o enriquecimento dessas nações, possuidoras de riquezas naturais incalculáveis, muito cobiçadas pelos países mais desenvolvidos, pelos interesses imperialistas. O planalto africano, aquele das savanas, das grandes florestas e rios, onde está a maior parte do continente, é riquíssimo em minerais, minerais estratégicos; o continente também é rico em petróleo, diamantes, ouro; seus vastíssimos campos poderão ser utilizados com uma agricultura redentora no plano interno, ou para o intercâmbio desses países com o resto do mundo. As lideranças africanas mais lúcidas estão em busca dessas alternativas, muitas das vezes fragilizadas exatamente pela existência de tantos países, 53. Alguns dos grandes líderes do processo de independência, por exemplo, buscavam a integração, alguns chegaram a imaginar uma única grande África, um único país africano a englobar as fragmentações, muita das vezes artificiais, produzidas pelo colonialismo. Países como o do Morto Fandé, esse nosso africano de Guiné Bissau que faz aqui na USS o curso de Engenharia Ambiental, são menores que o Rio de Janeiro, países com menos de um milhão de habitantes, o que os fragiliza diante da estratégia de enfrentamento global. Mas, em minha opinião, essa é uma condição (a da fragmentação nacional) irreversível, e o que se faz modernamente é a busca da integração compartilhada, a exemplo da criação de organismos internacionais, como a Unidade Africana, que buscam construir pautas comuns nos diversos campos possíveis de interação.

**Contemporâneos - Em sua opinião, o que acontecerá
com a África pós Copa do Mundo em se tratando
de suas construções, economia e transporte?**



José Jorge - Isso justamente vem de encontro com o que dissemos há pouco, isto é, essa busca da modernidade, da construção da democracia, da convivência fraternal entre os povos e culturas; da construção de uma civilização contemporânea, a par da agenda mundial mais humana. Enfim, creio que a realização de um evento como esse – aliás, encaminhado originalmente por João Havelange, um brasileiro dirigente da FIFA por longo período e hoje seu presidente de honra –, certamente vem de encontro a toda essa trajetória de luta que os povos africanos mantêm, no sentido de serem reconhecidos como singularidade, para além dos estereótipos e alienações, ainda existentes tanto externa quanto internamente, fatores a obstruir o caminho rumo ao desenvolvimento pleno e relativamente original

Lembro-me que jornalistas brasileiros, participantes da cobertura desse evento esportivo, se pegavam atônitos diante da constatação de que o aeroporto da Cidade do Cabo é mais moderno, mais funcional, que o de Cumbica ou o Tom Jobim, e que, no trajeto entre o aeroporto e o hotel, não tinham observado favelas... Mas lembro-me também de Tostão, craque da seleção brasileira de 70 e ídolo do Cruzeiro, de Minas Gerais, hoje comentarista esportivo, manifestando, num de seus artigos da cobertura da Copa, o temor que um ou outro estádio dos grandes lá construídos exclusivamente para Copa, não teria mais utilidade naquela proporção. Futuro centro esportivo polivalente? Centros culturais? Problema exclusivo da África Sul que sediou a última Copa?



Contemporâneos – Professor, eu comecei a estagiar no 2º grau agora, e como o senhor sabe não é passado nenhum tipo de informação sobre a cultura africana para esses alunos de 2º grau, de primeiro ao terceiro ano, porém, agora, estão tentando implantar esse conhecimento, essa disciplina da História da África no 2º grau. Como o senhor acha que os alunos vão se adaptar a esse tipo de informação, esse tipo de cultura, a essa disciplina?

José Jorge - Em primeiro lugar, é um marco divisório na educação brasileira a inserção desses estudos relativos à África e a cultura afro-brasileira. E veja bem, não como disciplina independente, ou como mais uma disciplina, mas inserida no contexto das já existentes, como a história do Brasil, a história Geral, a Literatura, as Artes, etc. No Brasil, não se trata de um tema relativo a minorias, não se trata de um assunto folclórico. A historicidade do Brasil não nos leva a esse ponto, muito pelo contrário. Não podemos continuar com essa falsa consciência de que o país é eminentemente um país branco no sentido da Europa, como durante muito tempo pensamos que pudesse ser, negando uma realidade pungente. Essa medida busca o encontro do Brasil consigo mesmo, construtor de uma democracia para valer em relação à grande maioria do povo brasileiro e suas raízes mais profundas. Portanto, e talvez o mais importante, é que além de nos identificarmos mais genuinamente enquanto singularidade cultural, essa abertura possibilita conhecer aspectos fundamentais de nossa história, os quais ficariam irremediavelmente sem resposta ou

lamentavelmente incompletos sem um conhecimento daquelas realidades. A ideia que discutimos, no início de nossa conversa, a inferioridade africana, vem de encontro a esses argumentos, pois passou à cultura brasileira o que se difundia na cultura do Ocidente e nossa intelligentsia assimilou isto direitinho, especialmente na virada do séc. XIX para o XX. Isto é inadmissível! Ora, uma nação moderna, um país emergente, que pretende ter um papel importante no cenário mundial, com quais exemplos vamos participar desse concerto?

Falta de interesse? Lembro que a uns quatro ou cinco anos atrás,

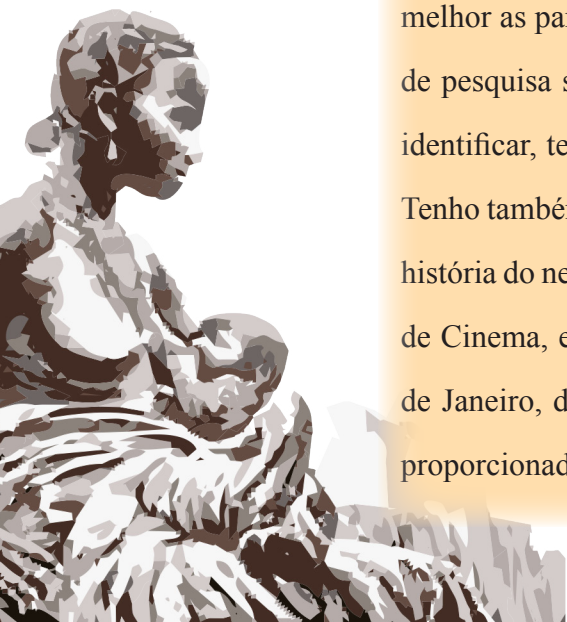


no Centro Cultural do Banco do Brasil, no Rio, houve uma mostra de arte africana dos séc. XVII, XVIII e XIX. Esta exposição recebeu cerca de seiscentos mil visitantes!

Contraditoriamente, foi a primeira grande exposição de arte africana no Brasil - em fins, portanto, do já adiantado séc. XX. Mais contraditoriamente ainda, toda ela vinda, não de África, mas do Museu Etnológico de Berlim – onde por sinal, juntamente com os acervos do Louvre, Brithis Museum, do Gugenheim, estão as grandes coleções desta arte.

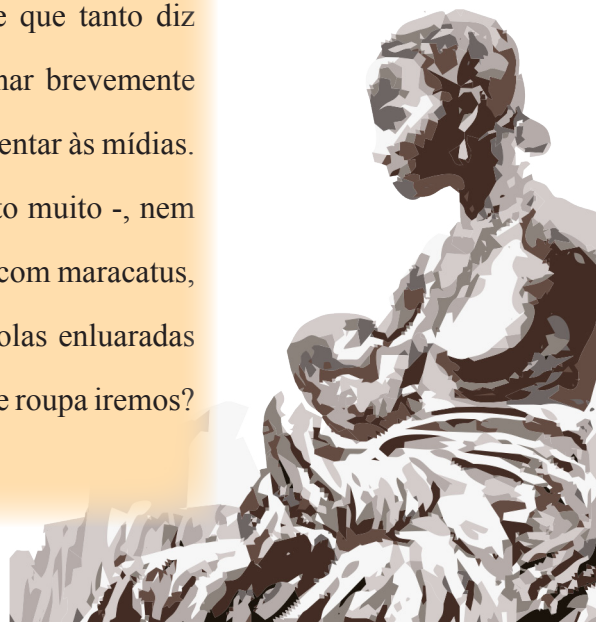
Agora, cabe ao ensino da história sair de certa mesmice em que muitas vezes entra. A história é uma das mais belas ciências do homem. Seu ensino está relacionado à literatura, à arquitetura, às ciências, à filosofia, às artes plásticas, à música, ao cinema, pois a humanidade é sobretudo cultura. Ainda mais com os recursos que temos hoje em dia. E isto é chato?

Estou tentando fazer a minha parte, como professor de História da África, ainda que esta não seja minha especialização, até porque passei toda a vida acadêmica – e olha que possuo o doutoramento – sem estudar África. Recentemente escrevi um livro paradidático ainda não publicado, chamado História do negro no Brasil: das origens africanas ao mito da democracia racial. Esse livro é destinado aos professores de Ensino Médio, inclusive contendo indicações bibliográficas modernas de como utilizar melhor as partes mais complexas e tudo mais. Atualmente desenvolvo um projetinho de pesquisa sobre a história da África e as bibliotecas do Rio de Janeiro, buscando identificar, tematizar, e assim ampliar instrumentos de pesquisa junto a este assunto. Tenho também orientado trabalhos tanto na graduação quanto no mestrado, relativos à história do negro no Brasil. Um colega, o Zózimo Bulbul, criou o Centro Afro-Carioca de Cinema, e já organizou quatro mostras internacionais de cinema africano no Rio de Janeiro, de modo que uma ou outra consulta aos arquivos desse Centro tem me proporcionado bom material filmográfico de alta qualidade, para ilustrar momentos





fundamentais da história da África lecionada. Agora em julho, no Congresso da Associação Nacional de História, a ser realizado na USP, haverá simpósio temático sobre o ensino história da África, no qual pretendo participar, ainda que como ouvinte. E assim vou tentando fazer a minha parte. A rigor, observo uma tendência muito boa em ralação a esse tema por parte de nosso alunado. Porque no fundo estamos falando de nós mesmos, daquele fundo negro esquecido ou mal estudado e que tanto diz das nossas vidas. Nós falamos em Copa do Mundo, vamos patrocinar brevemente também uma Olimpíada, pois quero ver com que cara vamos nos apresentar às mídias. Certamente não poderá ser com ser Beethoven – de quem, aliás, gosto muito –, nem com os Beatles – idem –, mas muito provavelmente isto será realizado com maracatus, sambas, frevos, Villa-Lobos, Portinaris, Di Cavalcantis, Djaniras, violas enluaradas enfim. Vamos esconder nossos Orixás? A obra de Aleijadinho? Com que roupa iremos?



Contemporâneos – O que o senhor tem a dizer para seus alunos e outros estudantes que pensam em também se tornarem doutores e pesquisadores, assim como o senhor?

José Jorge - Talvez seja suspeito para falar, porque sou apaixonado por História, que me dá essa condição de estar sempre criando, sempre produzindo, não me sinto em nenhum momento estagnado, repetido. Cada curso, cada projeto, cada escrito, ensaio, ou livro, enfim, a preparação, às vezes, de uma simples aula me leva a estar criando. Agora mesmo, no curso de História Econômica em que estamos trabalhando, começamos com as reflexões iniciais dessa disciplina na velha Grécia clássica e estamos trabalhando Aristóteles no interesse de perceber como e em que termos ali nasceram, em termos de Ocidente, os conhecimentos iniciais dessa disciplina, de tantos desdobramentos no futuro. Discutir categorias de análise ali produzidas e que seriam retomadas fosse pelos fisiocratas já no XVIII ou pela economia política clássica do XIX. Isso é algo extremamente apaixonante. Também me lembro do Paulo Moura, músico recentemente falecido, saxofonista e clarinetista de primeiríssima qualidade, a quem uma vez perguntei: “Paulo, o que você acha de estudar música?”, e ele respondeu, “Não aconselho a ninguém estudar música.”. É isso, acho que é preciso paixão, é preciso gostar daquilo que se faz e História tem tudo para essa possibilidade. A História da África em especial, é um campo novo, em aberto, como vocês podem estar percebendo. Data de 2003 essa importante mudança introdutora desse assunto no currículo escolar de todos os níveis da educação brasileira. Certamente não vai faltar gente para ensinar, para produzir conhecimento. Aliás, na verdade, esta é uma tendência em várias partes do mundo em grandes e pequenas universidades, sobretudo, é claro, na própria África. Os Estados Unidos, por exemplo, onde até 1960 a história da África ou dos afro-descendentes não tinham importância curricular, forma hoje doutores em quantidade significativa, especializados nessa área, e isso se dissemina também pelas Américas e no maior país de afro-descendentes das Américas, que é o Brasil. O Colégio do México é precursor em Estudos Africanos. Centros de Estudos Africanos interuniversitários na França, na Inglaterra, no Canadá, são outra prova da vitalidade desses esforços.



Contemporâneos – O que o levou a especializar-se nesta cultura, na cultura africana?

José Jorge – Não me considero um especialista suficientemente preparado, talvez venha ser um dia. Mas a minha própria época me tem levado a esses estudos. Como poderia dizer a você que eu me descobri como negro, como mulato, depois de formado na faculdade? O curso de História não me levou a esse processo de conscientização. Mas esta tomada de consciência foi muito importante para mim, para minha existência, para minha condição de homem, de brasileiro, de cidadão do planeta. Muita coisa se redefiniu na minha vida, do ponto de vista de historiador, do ponto de vista também existencial, para melhor. Deixei de lado uma série de preconceitos, de sentimentos de inferioridade que tinha, essa é a verdade. Me analisando, como foi bom! Como foi bom assumir o meu cabelo (que não é “ruim”, pelo contrário, é macio, sedoso, dá cachinhos! Minha mulher, que é branca, descendente de árabes, se amarra), assumir o meu nariz, assumir minha ancestralidade, mesmo com o peso da escravidão; como foi importante! Foi muito bom, mas foi também muito ruim, porque me trouxe a realidade da dureza dessa condição de ser negro no Brasil. Como é perigoso você crescer sem tomar consciência plena, histórica, dessa questão por aqui! Estou cada vez mais convencido, os estudos têm me levado a isto: que a Primeira República no Brasil se aproximou seriamente de um regime de apartheid, inclusive com argumentos cientificistas, predominantes na academia de então. Recentemente, para ficar um exemplo, o colega o Fernando Rodrigues em *Os Indesejáveis*, discute a instituição, o pensamento político e a formação profissional dos





oficiais do Exército brasileiro (1905-1946), publicado pela Paco Editora em 2010, demonstra que nas forças armadas dessa época, um jovem negro, ainda que preparado, não entraria via os concursos públicos. Você poderia ser soldado, poderia ser sargento, mas a fotografia te barrava nos concursos para oficial. E este detalhe não constava nos editais convocatórios! Então a tendência é a de se autoculpar, culpar a si mesmo pela incompetência. Tudo bem que eles fossem assim, mas este critério tinha de constar nos editais convocatórios de uma vez por todas. – “Sará, não. É branco, com feição de negro”. Não tinha de constar no edital? Seria preciso uma pesquisa erudita, uma tese de doutorado, de circulação restrita, publicada em 2010, como é o caso do livro acima referido, para esclarecer a coisa? Tudo isso me levou, como historiador, a me sentir um pouco na obrigação de dedicar parte do meu tempo, da minha formação, a esses estudos – mas não como exclusividade ou como única preocupação hermenêutica de minha parte. Mas, enfim, se nós primordialmente não o fizemos, nós afro descendentes, quem vai fazer? Ainda uma vez, aliás, esse é um dos grandes problemas, ou seja, as nossas questões sempre foram tratadas pelo branco. Nós mesmos não tínhamos acesso à universidade, era um desafio especialmente para nós historiadores. Agora, não vou ser militante de carteirinha, no sentido de que essa vai ser minha única ou exclusiva preocupação em História, não me sinto de maneira alguma amarrado, tenho outras áreas do conhecimento em História que me interessavam bastante, que continuam a me interessar. Você lembra que tivemos uma questão sobre teoria e metodologia logo no início de nossa conversa? Esta é uma dimensão do conhecimento em História que me desperta grande interesse, acho que é uma coisa da minha geração. Assim que, me sinto livre, sem grilhões ou pelourinhos.



Contemporâneos - Gostaria de saber a sua opinião sobre a importância do CDH (Centro de Documentação Histórica) aqui da USS, e se o senhor concorda comigo que um Centro de Documentação, pelo menos para os estudantes, especialmente os graduandos em História, é realmente muito importante e deveria existir em outras Universidades também?

José Jorge - Com certeza, é de um inestimável valor a existência do Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra. É uma coisa rara numa universidade, ela própria possuir um Centro de Documentação, depositário de um acervo documental riquíssimo da região de Vassouras, tanto o registro judicial quanto o eclesiástico e o legislativo. Acervo da maior importância se a gente considerar o “lugar” ocupado pela região na história brasileira, especialmente nos meados do século XIX, quando isto aqui era o centro econômico do Império, dada produção cafeeira, a maior do mundo. Existiu, na região, uma concentração muito grande de trabalhadores escravos e barões, e conseqüentemente toda uma cultura, toda uma estrutura de poder que envolvia essa sociedade. É um acervo muito importante, riquíssimo, tanto que nós temos recebido estudantes de diversos níveis e pesquisadores de diversas partes do Brasil e do exterior. Para os cursos da Universidade Severino Sombra, especialmente para o curso de História, mas não só, porque esta documentação também pode dizer muita coisa a outras áreas do conhecimento, como as da Medicina, por exemplo. Certamente, para o curso de graduação e mestrado de história o CDH é de uma importância sem par, como lugar de treinamento instrumental, como possibilidades de monografias mais consistentes, como possibilidade de criação do conhecimento original, baseado em fontes, e aqui ao lado.

